

# Desempenho econômico depende do ajuste fiscal

*Previsão de economistas varia de empate com 98 a redução de 2,5% no Produto Interno Bruto*

DENISE NEUMANN

O ritmo do ano de 1999 vai ser definido pela capacidade do governo de executar o ajuste fiscal. As previsões dos economistas para este ano variam de crescimento zero até uma retração de 2,5%, com maior concentração em projeções de queda de 1,5%. Como consequência da redução no nível de atividade, o desemprego cresce, ultrapassando a taxa anual de 9%, a maior de toda a história do País.

Estas projeções nada otimistas fazem parte do cenário que leva em conta o êxito da equipe econômica na execução do ajuste fiscal, apesar dos contratempos em algumas votações no Congresso Nacional. Na hipótese contrária – de insucesso no controle das contas públicas – a queda do Produto Interno Bruto (PIB) e o desemprego seriam ainda maiores, na avaliação dos economistas ouvidos pelo Estado.

“Vai ser um ano de ajuste”, resume o economista-chefe da MCM Consultores, Newton Rosa. “As metas de ajuste fiscal são bem rígidas e, se cumpridas, permitirão a recuperação da credibilidade do País”, observa. Em 1999, observa, nenhum fator vai estimular a demanda. O desemprego vai bater recorde – sua projeção é de uma taxa anual de 9,1% na média –, a massa salarial estará em queda e o crédito, limitado e caro.

“Os dois primeiros trimestres vão ser os piores”, explica. “No primeiro semestre de 1999 a produção industrial vai cair 2,5% sobre o mesmo período do ano passado e no segundo semestre a retração será de 0,5%”, estima Rosa, da MCM.

Atividade	Ano de 1997	RECESSÃO COM AJUSTE FISCAL							
		MCM Consultores		Banco Santander		Lloyds Bank		Tendências	
		1998	1999	1998	1999	1998	1999	1998	1999
PIB - % ao ano	3,2	1,0	-1,5	0,7	0,0	0,4	-1,5	0,6	-1,6
Taxa de investimento (% do PIB)	17,5	17,5	18,0	18,0	18,0	17,5	17,0/18,0	20,0	19,9
Taxa de desemprego	6,1	8,3	9,1	7,6	9,0	7,7	10,5	8,4	10,0
<b>Inflação</b>									
IPC-Fipe	4,8	0,8	2,0	-1,5	1,0	-0,9	0,0/1,0	-1,5	-0,2
<b>Juros/Câmbio</b>									
Câmbio-Variação ao ano	7,4	7,5	8,0	8,0	7,0	7,5	7,2/8,2	8,2	6,5
Taxa de juros nominal/média no ano	24,7	27,1	22,7	28,7	22,6	()	-	28,9	18,0
<b>Setor externo</b>									
Exportações (US\$ bi)	53,0	53,8	54,4	52,9	56,1	52,0	54,0	51,8	54,3
Importações (US\$ bi)	61,4	59,7	55,0	58,6	57,4	57,2	54,9	57,8	57,3
Saldo da balança comercial (US\$ bi)	-8,4	-5,9	-0,6	-5,6	-1,3	-5,2	-1,0	-6,1	-3,0
Saldo em conta-corrente-(% do PIB)	-4,15	-4,15	-3,31	-4,2	-3,5	-4,2	-3,5	-4,4	-3,6
Reservas Líquidas Internacionais (US\$ bi)	52,2	45,0	45,0	40,0	40,0	45,0	50,0/54,0	47,3	53,0
<b>Setor público</b>									
Déficit nominal (% do PIB)	6,11	8,07	4,8	8,1	4,7	8,1	4,5/5,0	7,8	4,9

Fonte: consultorias

“Dados fornecidos antes de 20/12/98

cai 2,5% em 99. Ao mesmo tempo, os juros altos aumentam as chances de não execução das metas de déficit nominal, pois quanto mais altos os juros, mais rapidamente aumenta a dívida do País e mais difícil se torna seu pagamento.

A saída de baixar os juros é temerária porque, se feita antes da hora certa, pode provocar saída de capitais. A hora certa de fazê-lo é quando os fundamentos da economia (na prática, o déficit público) estiverem com resultados melhores, diminuindo o risco de o País enfrentar algum tipo de crise. “Com fundamentos melhores, os juros podem baixar, permitindo maior ritmo de crescimento e, portanto, desenvolvendo um círculo virtuoso”, observa.

**Investimentos** – A recessão deste ano – projetada em 1,6% pelo grupo da Tendências – será atenuada pela manutenção dos investimentos. As estimativas apontam que o nível de 18% do PIB alcançado em 1998 será mantido em 1999. “Os projetos são de longo prazo e estão sendo mantidos”, observa. Esse impacto sobre o crescimento não alcan-

ça o emprego, pondera Padovani. “Os projetos são poupanças de mão-de-obra”, observa. O desemprego, calcula, ficará em 10% na média do ano, mas poderá chegar a 12% no primeiro trimestre.

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) pode registrar nova deflação de 0,2%, segundo estimativas da Tendências. “A desaceleração da atividade e a manutenção da política cambial permitem prever mais um ano sem pressões inflacionárias”, observa Padovani.

o ajuste fiscal.

**Ajuste e pagamento** – Para o economista-chefe do banco Santander, Dany Rappaport, o Brasil precisará dar um duplo sinal já no início do ano: condições de executar o ajuste fiscal (fundamental para a conquista da credibilidade internacional) e sinais de que será capaz de recuperar sua capacidade de pagamento. “O País precisa terminar o primeiro trimestre solvente em reais e em dólares”, observa. Nesse período, afirma, será necessário apresentar resultados primários positivos nas contas públicas (receitas maiores que as despesas) e, ao mesmo tempo, manter o cenário atrativo para investi-

timentos externos e, também, ensaiar um melhora no saldo da balança comercial. “As chances existem, mas não será um começo fácil”, diz.

Rappaport está com a avaliação mais otimista para o PIB em 1999: empate com 98. Ele não espera um PIB negativo porque boa parte da desaceleração já ocorreu no ano passado. Alguns segmentos encerraram o ano com um resultado tão ruim que não haverá um nova retração nas vendas em 99. Os bens duráveis, observa, vão encerrar o ano passado com uma queda de 40%. “Essa queda não vai se repetir, a tendência é manter o mesmo nível de 98”, observa.

Para Marcelo Allain, diretor

de Análise Econômica do Banco BMC, o ano de 1999 vai continuar marcado pelo dilema estabilização x crescimento, com as pressões dos empresários por mudanças na política econômica mantendo-se fortes ao longo do ano. “Brasil precisa superar o círculo vicioso para chegar no virtuoso”, observa Allain.

O círculo vicioso, observa, é dado pelo dilema juros-risco Brasil. O País mantém os juros altos para ficar atrativo e não perder capitais. Como resultado, o PIB

**D**ESEMPREGO  
PODE CHEGAR A  
12% NO INÍCIO  
DO ANO